

A INFLUÊNCIA CENTENÁRIA DE UMA FUNDAÇÃO: OS SERTÕES COMO A GRANDE NARRATIVA HISTÓRICA DO BRASIL

Licia Soares*

RESUMO: Este ensaio pretende identificar elementos fundamentais de uma Poética Histórica no Brasil. O corpus de estudo é o ciclo canudiano, a partir dos anos 80. Utilizando as noções de Fundação (Veron) e de cronotopo (Bakhtine), o estudo mostra como Os Sertões origina um ciclo de romance que acompanha a História contemporânea, durante os cem anos em que tem se firmado como obra pilar da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: poética histórica, Canudos, Os Sertões, Fundação, Cronotopo.

O artigo de Gutiérrez “Notícia sobre cem anos de ficção canudiana” (1996) sublinha a força germinadora de Os Sertões que, além de impregnar-se aos textos de depoimentos memorialísticos, orienta a ficção regionalista do século XX e, em especial, os romances de tema canudiano. Estes, a autora agrupa em três blocos:

- 1) Os da contemporaneidade de Euclides e dos acontecimentos de Canudos, fortemente contaminados pela proximidade da guerra. Estão aí incluídos *Os jagunços* (1898) de Afonso Arinos e *Acidentes de guerra* (1905) de Dantas Barreto.
- 2) Os da década de 50, quando meio século atenua o impacto social do episódio e o impacto representativo da obra de Euclides: *Le mage du sertão* (1952) de Lucien Marchal, *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos e *O Capitão Jagunço* (1959) de Paulo Dantas.

* Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis.

3) Os da contemporaneidade, década de 80 e 90, com maior distância temporal e com a experiência histórica, cultural e literária do final do século XX, guiando o tratamento da guerra e a leitura de *Os sertões: La guerra del fin del mundo* (1981), de Mário Vargas Llosa, *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga e *As meninas de Belo Monte* (1993) de Júlio José Chiavenato.

A autora sublinha, no primeiro bloco de romances, a presença de certas zonas discursivas, nas numerosas narrativas de guerra, e, em *Acidentes de guerra*, em particular, que derivam de *Os sertões*: as referências às dificuldades de campanha, e de deslocamento na caatinga, a caracterização violenta de Moreira César e feroz dos jagunços, o relato da morte de Pajeú e da destruição de Belo Monte.

Nas relações entre o primeiro e o segundo blocos, ocorre uma transformação literária à medida que emergem preocupações com o discurso linguístico que praticam os personagens sertanejos. Em *João Abade*, João Felício pretende oferecer a versão dos vencidos tentando imitar o linguajar do sertão. No romance de Paulo Dantas, o personagem Jerônimo, conhecido como Capitão Jagunço, lembra Riobaldo e reflete sobre seu próprio discurso. Apesar da contaminação rosiana, Gutiérrez resalta que, na descrição dos temas propriamente canudianos, o autor mantém-se fiel à linha euclidiana, recontando, através do capitão Jagunço, os episódios da vida de Belo Monte e da guerra, já contados por Euclides.

Os romances da contemporaneidade materializam procedimentos narrativos complexos que põem à luz a força das tensões entre os cenários intertextuais, e atualizam as reflexões sobre a comunicação e a formação de uma opinião pública nacional. A obra vargallosiana, por exemplo, possui o mérito de retomar a narrativa euclidiana metaforizando-a como drama atual da América latina. O jornalista Chiavenato utiliza os principais ingredientes das narrativas canudianas, mas desenvolve o *day after*, o destino dos meninos e das meninas, chamados jaguncinhos de Canudos. Os personagens jornalistas, caracterizados como “homens-palavra” por Gutiérrez, têm

a função de sistematizar as teorias comunicativas e de opinião, em termos de paródia da intertextualidade, retomando e desconstruindo discursos estabelecidos com suas crenças e valores.

Os conflitos em Belo Monte, por exemplo, constituem cenários intertextuais por onde atravessam módulos discursivos relativos à tática da guerra, à organização política da República, à situação dos sem-terra e à política agrária com referências à participação dos latifundiários, do clero e do governo federal, à natureza sertaneja, ao destino das crianças apanhadas após a guerra destinadas ao exílio social e à prostituição, etc. É justamente esse jogo de variações modulares, no interior de uma temporalidade longa que potencializa a capacidade de *Os sertões* se tornar uma *fundação* (Veron, 1980), estabelecendo os temas e as cenas enunciativas que autorizam o surgimento de um ciclo temático, relacionando as práticas da comunicação e a formação da opinião nos momentos de crise política.

Revolução e Risco em Mario Vargas Llosa

Os sertões permite a reformulação de regras discursivas que irão constituir novos textos, aptos a por em relevo novas vias de reconhecimento. A atividade polifônica da estética do risco de Euclides provoca rupturas epistemológicas capazes de mostrar o fenômeno extratextual, que é essencialmente o conflito entre duas nacionalidades, sob vários pontos-de-vista. Os núcleos duros do positivismo e do determinismo começam a ser pulverizados, deixando o extratexto livre para novas investidas científicas que vão evoluindo ao longo do século XX. É o caso, por exemplo, do paradigma marxista.

O paradigma marxista, que começa a surgir não só como uma teoria e um método de interpretação da realidade do país, mas também como um caminho a ser seguido politicamente, após a vitória da Revolução Russa, vai influenciar também no campo das artes e da cultura, porque daquele país chegam as ressonâncias do realismo socialista, como a estética oficializada. A

imagem e o texto do Nordeste passam a ser elaborados a partir de uma estratégia que visava denunciar a miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorridos nesse espaço. (Albuquerque Júnior, 1999, 184)

Os territórios populares da revolta, redimensionalizados no Nordeste e, em particular, no sertão, são tomados como espaços de construção das utopias socialistas e de surgimento das ditas *guerras de minorias* que vão ocupar os meios de comunicação como o contraponto épico da concentração do poder. Mário Vargas Llosa, após estudar a guerra de Canudos, constata que esta parte dos sertões, representada na obra de Euclides, pode ser uma sinédoque dos fenômenos extratextuais da América Latina quando várias partes do continente se enfrentam e se exterminam sem pensar em se integrar.

. Vargas Llosa dedica *La Guerra Del Fin Del Mundo* a Euclides da Cunha, em outro mundo e a Nélida Pigñon neste mundo. Mesmo empreendendo uma atividade geradora da obra fundadora, em uma verdadeira operação de engajamento com as relações textuais, o autor é considerado como aquele que retoma o fenômeno extratextual sob a ótica marxista escapando do determinismo do século XIX.

É bem verdade que a consciência polifônica de Mario o fará um escritor à altura de Euclides, cujo efeito de cientificidade marxista será transpassado pela força relacional da linguagem. V. Llosa dá um passo à frente em sua atitude geradora criando personagens fictícias para agir ao lado das personagens históricas. *Os Sertões* é o pré-texto, discurso anterior por excelência, que leva o autor a declarar: *é uma história sobre uma história.*

Essa afirmação é muito importante. Em castelhano usa-se a mesma palavra (história) para denotar "história" e "estória" (ficção narrativa). Portanto, a locução "uma história sobre uma história" poderia significar "uma estória sobre uma estória" ou uma "estória sobre uma história" ou "uma história

sobre uma história”, ou ainda “uma história sobre uma estória”. Visto que a “estória” contida no romance reconstitui um episódio histórico, transpondo-o ao mesmo tempo ao domínio da imaginação, ou ficção, temos que reconhecer a ambigüidade, ou ficção, temos que reconhecer a ambigüidade da declaração de Mário Vargas Llosa. (Roelofse-Campbell,2000, 32)

Nessas condições de uma história sobre a obra fundadora, é muito importante notar os dois personagens, *homens-palavra*, que vão representar as vozes mediáticas no romance. Trata-se , de todas as formas, do acionamento de uma voz polifônica, destinada a dar corpo às vozes da comunicação: Galileu Gall, estrangeiro revolucionário em busca de uma cidade que parece realizar os ideais utópicos da revolução (Canudos) e que incorpora, de uma certa maneira, aquele terceiro homem, que não é o *mandão*, nem o *sub-serviente*, mas o rebelde, descentrador do poder; o Jornalista Míope, ícone e símbolo de Euclides, que vai à guerra, aí mudando sua opinião sobre os vencidos, que é registrada em livro.

Com efeito, é interessante notar a visão revolucionária de Gall que não cessa de escrever cartas sobre os temas da injustiça na Bahia ao periódico de Lyon *L'étincelle de la Revolte*.

Su verdadero nombre no era Galileu Gall, pero era, si, um combatiente de la libertad, o, como él decía, revolucionário y frenólogo.(...) Había nascido a mediados de siglo, em um poblado Del sur de Escócia donde su padre ejercia la medicina y habia tratado infructuosamente de fundar um cenáculo libertario para propagar las ideas de Proudhon y Bakunin. Como otros niños entre cuentos de hadas, él había crecido oyendo que la propiedad es el origen de todos los males sociales y que el pobre solo romperá las cadenas de la explotación y el oscurantismo mediante la violencia. (V. Llosa, 1981, 24)

Eis que o discurso revolucionário vai tendendo a reelaborar um discurso que visa denunciar a exploração dos camponeses sertanejos, as injustiças sociais a que estavam submetidos e, ao mesmo tempo, resgatar as atividades de revolta e de dizibilidade dessas

guerras da minoria ocorridas nos sertões. Nessa direção, fica evidente que o texto de Euclides, como fundação, representa um papel decisivo na fatura de Mário. Pode-se mesmo dizer que a consciência relacional de Euclides permite uma transcendência de seu determinismo e essa possibilidade permite abrir espaço para outros efeitos de cientificidade (como o socialismo utópico e o marxismo) que, também apresentados de forma polifônica abrem espaço para abordagem dos fatos com tantos paradigmas forem possíveis.

Nessa direção, Vargas Llosa dá outro passo à frente em sua atividade geradora, trazendo para a zona do pré-texto, os socialistas românticos, da infância de Gall, que declaram que *a propriedade é roubo*.

Lo que le oí daría matéria para muchos números de l'Étincelle de la révolte. Lo esencial es que la entrevista confirmo mis sospechas de que, en Canudos, hombres humildes e inexperimentados están, a fuerza de instinto e imaginación, llevando a la practica muchas de las cosas que los revolucionários europeos sabemos necessárias para implantar la justicia en la tierra. Juzgad vosotros mismos. (V. Llosa, 1981, 55)

Aí se concretiza o engajamento relacional, à medida em que é produzido um texto que dá conta da própria atividade de produção textual, e ainda ligando-a aos textos dos revolucionários europeus. Em termos de produção de efeito de cientificidade, como de reconhecimento de efeito ideológico, o escritor engaja a mediação da página escrita, pelo viés da revista de Lyon, para produzir um efeito semântico relacionado às práticas comunistas de Canudos. Seria uma diferença diante do texto de Euclides? Seria um efeito atualizado do que o texto de *fundação* não poderia manifestar em sua época, quer seja pelas condições de produção não englobar pré-textos ditos revolucionários , quer seja pela opção euclidiana de não *defender os matutos* totalmente ?

Pero, em general, la vida era pacífica y reinaba um espíritu de colaboración entre los vecinos. Una fuente de problemas era el

inacceptable dinero de la Republica: al que se sorprendía utilizándolo em cualquier transación los hombres del Consejero le quitaban lo que tenía y lo obligaban a marcharse de Canudos. (V. Llosa, 1981, 60)

A idéia de colaboração e de troca está no centro da descrição de Canudos, uma idéia de construção de uma sociedade de bens comuns que Gall declara ser a concretização dos pensamentos dos intelectuais europeus. A visada revolucionária permite tomar Canudos como parte de processos sociais globais, representados pela questão da propriedade privada e da exploração de camponeses. É uma sociedade que recusa a República no que ela traz do capitalismo mundial, da aceitação da lógica dos mercados que começam a se estruturar internacionalmente nos fins do século XIX. Canudos rejeita o dinheiro da República, que é a forma metafórica de dizer não a um regime que vai se alinhando à ferocidade do mercantilismo das relações sociais, com a cumplicidade dos *mandões* locais que continuam a centralizar o poder. A crítica à República burguesa serve assim para denunciar as injustiças sociais e a opressão, e o trabalho de correspondente de Gall coloca em suspeição as falas dominantes, buscando o avesso da palavra do poder. Com essa voz mediática, Llosa chama a atenção para o poder da fala, para a dialética entre observação e produção; ele alerta para as operações de expropriação das palavras dos oprimidos, como operação de manipulação e de desumanização. Pode-se dizer que é uma influência de Euclides que, ele mesmo, se assustou com o poder da página escrita e expôs toda sua angústia diante das atividades das vozes mediáticas, causando a expropriação da fala da *outra nacionalidade*. Vejamos ainda Gall em uma de suas cartas:

Em mi carta anterior os hablé, compañeros, de una rebelión popular em el interior del Brasil, de la que tuve noticia a través de um testigo prejudiado (um capuchino). (...) Um motivo de reflexión, compañeros: asegurarse que la revolución no solo suprima la explotación del hombre por el hombre, sino, también, la de la mujer por el hombre y establezca, a la vez que la igualdad de clases, la de sexos. (...)

Me imagino la decepción de muchos lectores y sus sospechas, al leer lo anterior, de que Canudos, como la Vendée cuando la Revolución, es un movimiento retrogrado, inspirado por los curas. No es tan simples, compañeros (...)

Uma das maiores características da estética do ciclo canudiano é relacionar a comunicação e a guerra, fenômeno da contemporaneidade, e de discutir sobre a formação das vozes mediáticas que, praticamente, colocaram uma *nacionalidade* contra a outra, e isso é, de todas as evidências, uma das maiores colaborações de Euclides para o conhecimento das realidades brasileiras. Gall continua escrevendo para *l'Étincelle de la Revolte*, mostrando o sertão como um local de construção da solidariedade entre os desvalidos, de esforço de eliminação da exploração do homem pelo homem e também da mulher, e da luta de classes. Em sua carta, ele alude aos artigos do jornalista Euclides da Cunha *Nossa Vendéia*, que caracteriza os sertanejos como os *chouans* monarquistas, o que na França deveria causar estranheza, tirando-lhe o caráter revolucionário de subversão de uma ordem de concentração de poder e riquezas.

A materialização do jornalista na narrativa traz a problemática da formação da opinião, com um foco de luz sobre a própria atividade do protagonista da comunicação, no momento em que ele decide refletir sobre sua escrita sobre os sertanejos. Listar seus adjetivos comprometedores que formaram uma opinião nacional é refletir sobre a natureza de enunciados de opinião, como também sobre o *risco*, que é uma função euclidiana, da comunicação. O projeto polifônico tem por objeto não o significado, mas a significação, isto é, um conjunto de relações responsáveis pelo sentido do texto que é produzido pelos ajustamentos de gramáticas de produção e de reconhecimento.

O risco da comunicação é fundamental no homem-palavra que abre espaços para se refletir sobre a própria formação da escrita ; *Eu escrevia esses adjetivos e acreditava neles*. Ao mesmo tempo, é uma reflexão sobre a forma de se perceber o homem-outro, a outra nacionalidade, aquele que ainda não se enquadrou na civilização brasileira, e continua espelhando o Brasil profundo em suas tradições, mesmo

existindo em meio natural inóspito, com injustiças sociais. O que é fantástico é que Euclides iniciou essa consciência estética de promover, em sua obra, uma assimetria relacional de grande distância no reconhecimento da produção de sua própria escrita. Vargas Llosa problematizou essa atitude dos formadores de opinião no momento em que eles se dão conta de que podem se equivocar em relação a determinado fenômeno extratextual. Assim, observando o elo gerado entre *Os Sertões* e a *A Guerra do Fim do Mundo*, podemos concluir que uma *primeira fundação* estabelece relações complexas entre a produção e o reconhecimento, sobretudo permitindo que as obras dela geradas descrevam as aproximações e distâncias em produção e reconhecimento em relação ao efeito de abertura científico e ideológico emanado dos fatos abordados. Em outras palavras, *uma primeira fundação, para merecer este nome, não trata de um fenômeno extratextual com paradigmas científicos e ideológicos de forma estreita e dogmatizada.*

As Utopias de A Casca da Serpente

José J. Veiga nasceu no Mato Grosso. Influenciado pelas obras de Monteiro Lobato, enveredou pela contística regional aí acrescentando sua experiência de leitura do ficcionismo inglês e americano. De uma maneira geral, investiga a condição humana, mostrando como a solidariedade se fragiliza diante da perversidade e da indiferença, dos preconceitos, egoísmos e até da passividade.

Como numa espécie de antítese, a primeira fundação, *Os sertões*, traz à luz a importância da produção cultural popular, das manifestações folclóricas e dos estilos de vida do sertanejo. Ora, todo o popular do Nordeste, zona da colonização, que abriga hibridizando lendas medievais, indígenas e negras, escapa à racionalidade positivista. Mas, essa é uma propriedade de fundação que, sem unidade rígida de princípios, tempo e espaço, permite a geração relacional. Fundar a especificidade popular sertaneja no interior de um raciocínio positivista-determinista significa trabalhar diretamente no nível do horizonte polifônico relacional.

José J. Veiga se inscreve no realismo maravilhoso, que é um funcionamento científico prioritariamente sobre a estética. Teríamos, assim, de um lado, um *metadiscorso do reconhecimento* que, segundo Verón (1980), desentranha muito claramente os núcleos ideológicos das primeiras fundações e discute sobre a constituição dessas últimas. Por outro lado, legítima aqui, de forma magistral, na literatura propriamente brasileira, as bases do romance histórico. A *poética histórica*, que Bakhtine estipula, implica uma manifestação particular em relação ao contexto histórico, à grande temporalidade, principalmente quando chega a incluir a história universal. .

A primeira fundação constrói uma verdadeira poética histórica, acolhendo não apenas o cronotopo Canudos, mas tornando-o um cronotopo universal, como o bem presentiu Berthold Zilly (1996). É a grande narrativa da rebelião, sinédoque da América Latina, para o autor Llosa, exemplo vivo das teorias utópicas européias para seu personagem Gall. E o interessante é que essa narrativa pega o fenômeno extratextual, vivo em sua história, e, animando personagens reais, funda um ciclo de obras canudianas, literárias e plásticas.

A narrativa de Veiga se qualifica efetivamente como uma poética histórica atravessada do Realismo Maravilhoso¹. Em *A Casca da Serpente*, preferimos perceber o insólito como uma marca

¹ Observemos a distinção entre Realismo Maravilhoso e Fantástico em Chiampi (1980, 52,53):

“(…) É certo também que o fantástico e o realismo maravilhoso compartilham muitos traços, como a problematização da racionalidade, a crítica implícita à leitura romanesca tradicional, o jogo verbal para obter a credibilidade do leitor e, razão de freqüentes confusões da crítica literária, compartilham os mesmos motivos servidos pela tradição narrativa e cultural: aparições, demônios, metamorfozes, desarranjos da causalidade, do espaço e do tempo, etc.(…) O ponto chave para a definição do fantástico é dado pelo princípio psicológico que lhe garante a percepção do estético: a fantasticidade é, fundamentalmente, um modo de produzir no leitor uma inquietação intelectual (dúvida). A simplicidade dessa fórmula não pretende escamotear as dificuldades de definição de um gênero transcultural e trans-histórico, fazendo da psicologia do leitor (extratextual, subjetiva) sua condição estruturante. O medo é entendido aqui em acepção intratextual, ou seja, como um efeito discursivo (um modo de...) elaborado pelo narrador, a partir de um acontecimento de duplo referencial (natural e sobrenatural).”

cognitiva de possibilidade semântica e ideológica, não como misteriosa ou duvidosa quanto ao universo de sentido a que pertence, principalmente no âmbito da diegese. Vamos ter a oportunidade de esclarecer esse pressuposto no decorrer da análise do texto. Lembremos, por enquanto, que a instauração de uma consciência polifônica, o narrador do romance, empreende um diálogo estético com o repórter Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, sobretudo com trechos do livro que ele escreveu em 1902, nossa primeira fundação. Ora, esse diálogo é fundamental na definição dessa poética histórica, no sentido em que o autor coloca o encantamento da estória contada e inventada ligado a um componente real, corroborando o que diz Chiampi (op.cit., 59): “ O insólito, em óptica racional, deixa de ser o “outro lado”, o desconhecido, para incorporar-se ao real: a maravilha é(está) n(a) realidade.”

Se Galileu Gall observava e relatava a materialização das utopias comunistas em Canudos, Veiga parece ter captado a mensagem utópica para criar Itatimundé, uma Canudos idealizada e preparada para resolver os problemas de nossas nacionalidades. No pós-guerra, Canudos não existia mais e os guerreiros que haviam se rendido tinham sido degolados. O autor reconstitui os momentos finais da guerra, contando como os federais caíram na armadilha dos jagunços. O cadáver que havia sido desenterrado, fotografado e degolado pelo exército era o de outra pessoa. Antes de Canudos ser tomada, O Conselheiro já havia fugido com um grupo de seguidores pela Várzea da Ema, a única saída ainda aberta. O grupo se instala na serra da Canabrava para descanso e é reproduzido o episódio bíblico da pomba soltada para buscar notícias do *Dilúvio*. O grupo parte em seguida para um lugar mais distante, a serra imaginária de Itatimundé, onde pretende fundar, com um líder, o Conselheiro modificado (mudança da casca), para a utopia sócio-política recomeçar sem os erros da República brasileira.

O primeiro capítulo *A Retirada* se inicia exatamente com uma reflexão sobre a palavra que, nada mais é que o principal tema

dessa poética histórica sobre Canudos que estamos tentando cercar desde a investigação sobre nossa primeira fundação.

A palavra bem manejada, e dita na hora certa, tem poderes a bem dizer mágicos. Bem disse o evangelista que no princípio era o verbo, e o verbo era Deus. E no Livro dos Provérbios está escrito que a palavra oportuna muito é. É a sabedoria dos tempos ensinando. Se o Bernabé não fosse hábil em combinar palavras e na maneira de soltá-las, não teria desempenhado com brilho a missão que lhe encomendaram. Pois vamos ver como foi isso. (Veiga, 1989, 5)

Vejamos aí uma constatação de que uma narrativa precisa ser hábil na combinatória das palavras, e Bernabé é quem abre essa narrativa, pois é o escolhido, espécie de secretário para assuntos políticos, para ir convencer os federais da morte do Conselheiro. O relato do trabalho *com capricho* de desenterrar o *carapina Balduino* e de levá-lo à comissão de federais, já vem instalar a operação intertextual de apelo à primeira fundação, que instaura uma importante superposição temporal, apta a desencadear o dispositivo do maravilhoso.

Quando o cadáver foi achado pela comissão dos federais no dia 6 de outubro, todos concordaram, ou puderam concordar, que se tratava mesmo do famigerado e bárbaro Antônio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antonio Conselheiro, como afirma a ata então redigida e transcrita, em parte pelo repórter Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha na correspondência que mandou para o seu jornal, e que faz parte do livro que publicou sobre a Campanha de Canudos cinco anos depois. A divulgação dessa ata, a publicação de fotografias do cadáver na imprensa de todo o país, e a exibição da cabeça em algumas cidades, tudo isso alcançou o resultado desejado de convencer a opinião pública de que o facínora que havia derrotado três expedições militares e quase o fizera o mesmo com a quarta, estava finalmente morto, para desagravo e glória das forças da ordem e do progresso. (Veiga, 1989, 11)

Existem aqui três tempos: 1-Pós-guerra (1897) ; 2- Publicação de *Os Sertões* (1902); 3- Tempo da narração (consideramos

atemporal, sem data, não necessariamente coincidente com o tempo da publicação, 1989). É interessante notar que o dispositivo maravilhoso empreende um ajustamento da gramática de produção de *Os Sertões* , no sentido em que discorre sobre o efeito de credibilidade que a parte *Últimos Dias* exerce sobre a opinião pública. Já observamos em Dse que essa opinião pública, caracterizada aqui como o grupo de crenças sociais e nacionais, logo como instância de reconhecimento, evolui justamente para constituir uma opinião nacional que, sem conhecimento das diferenças das nacionalidades, reage por apelos psicológicos. Esse trecho ilustra inclusive os pressupostos de que as *guerras de minorias* são fundamentais para alimento dos meios de comunicação e, muitas vezes, para legitimar o eixo central do poder, *as forças da ordem e do progresso*.

Além do cronotopo histórico (1897), o autor lida com o cronotopo estético (1902), materializando o metadiscurso de reconhecimento capaz de por à luz a história social da primeira fundação, suas condições de produção e de reconhecimento, um retaliado praticamente infinito de imbricamentos que não parou de influenciar a cultura brasileira nesses cem anos.

O conselheiro ficara alegre ao saber que o estrategema de passar por morto tinha pegado; mas saber o fim final dos derradeiros defensores da praça o deixara consternado. Que a resistência desesperada foi bonita, foi; mas teria sido útil a morte dos guerreiros? É verdade que eles ficaram porque quiseram, e contra a vontade do Conselheiro. O consolo então era reconhecer que foi bonito. E se tivesse chegado até ele o relato do repórter Pimenta da Cunha, na correspondência que mandou para o seu jornal, mas consolado ficaria ao saber que Canudos não se entregou; precisou ser tomado palmo a palmo pelos atacantes, e que os últimos guerreiros a tombar foram três homens, um deles já idoso, e um menino. Pena que não se ficou conhecendo os nomes deles. (Veiga, 1989, 47)

Eis que o metadiscurso de reconhecimento realiza uma fantástica *myse em abîme* dos dois cronotopos para vislumbrar a

predicação maravilhosa. Por uma operação modificadora do episódio histórico, o escape do Conselheiro, o autor não só estabelece uma relação pragmática do leitor com a maravilha, mas investe a relação com a realidade. A problematização do real no maravilhoso assume então o caráter de uma revisão primordial do texto fundador da qual ressaí sua força como fonte cultural. O repórter foi o responsável pelo registro histórico dessa *resistência* e, com o livro, por um registro cultural perene, apto a atravessar os séculos. Mesmo se este Conselheiro vivo questiona a resistência e mesmo se o narrador supõe que o repórter Pimenta da Cunha tenha tratado dela a contragosto, o fato é que se assiste à culminação do engajamento de relação, afirmando a sorte fundamental do texto de fundação como testemunho comunicacional desse processo histórico.

Assim, sem dor nem reclamação, o Conselheiro passou a ser tio Antonio, com tudo o que mudança implicava, e não só no visual. Sempre atento, Militão Augusto percebeu que valia a pena registrar numa chapa aquele momento. A fotografia engatinhava ainda, mas parece que os fotógrafos já existiam antes dela, com o faro para discernir os assuntos e o momento. Hoje sabemos que aquele senhor alto, magro, rosto escaveirado e de olhar penetrante que parece sozinho ou em grupos em muitas fotografias tirada por Militão em Itatimundé, e identificado como “tipo característico do sertão da Bahia”, é Antonio Vicente Mendes Maciel, natural de Quixeramobim, no Ceará, mais tarde conhecido no país inteiro como Antonio Conselheiro, “Le mage du sertão”, segundo um escritor francês, e o inspirador da heróica resistência de Canudos, como está contado parece que a contragosto pelo repórter Pimenta da Cunha. (Veiga, 1989, 121)

Existe ainda na cronotopicidade estética a referência ao escritor francês que oferece uma obra estreitamente determinista, reproduzindo as percepções também deterministas de Euclides, mas sem possibilidades de engajar relacionamentos polissêmicos.

É interessante observar que o maravilhoso de Veiga vem nos apresentar novas visibilidades e dizibilidades relacionadas aos

protagonistas conselheiristas. O próprio líder, mudando de casca, não é mais um messias que dirige o grupo, e sim um componente a mais sem a aura da divindade. O caráter divino e religioso de Canudos é inclusive contestado em Itatimundé.

Desde que tirara a barba e jogara fora o camisolão de penitente, parecia que ele andara fazendo uma limpeza também nas idéias: deixara o exagero das rezas e a mania de entender tudo pelo compasso da Bíblia e do fanatismo religioso. (Veiga, 1989,147)

Em outro nível, o Dr. Oville demonstra crença no progresso técnico do país, mas contrariamente à maioria dos pensadores sobre o Nordeste não utiliza a seca, o fanatismo religioso e o cangaço como argumentos em favor dos *investimentos e da modernização do Norte*. Aqui, o sertão em construção, através de uma República não-positivista, não-naturalista, e sim com um novo olhar em relação às diferenças regionais, deveria ser capaz de inspirar a reelaboração de imagens e enunciados que construíram idéias fixas. Nesse sentido, os homens-palavra, um escritor e um fotógrafo, mudam suas percepções de reportagem, pois não encontram em Itatimundé as imagens características do Nordeste, terra rachada e crianças famintas, para enviar à imprensa sensacionalista.

O retratista Militão traz um baú de onde tira as fotografias para mostrar a Tio Antonio, como já é chamado o Conselheiro, e ao povo. Tem fotos do *presidente da Bahia*, Dr. Viana, do presidente da República, Dr. Prudente de Moraes, de Olavo Bilac e de Machado de Assis. Ele mostra a foto da Rua do Ouvidor, aquela mesmo que Euclides opôs às caatingas, lembrando que quiseram mudar o nome para rua Coronel Moreira César, mas o povo não aceitou. Este fotógrafo se empenha em elaborar um álbum documental das coisas e gente do Brasil, principalmente de vida no sertão, o que se enquadra nas perspectivas euclidianas de conhecimento do país profundo. O que é muito interessante, e que o narrador qualifica de *comunicação capilar*, é o fato de os centros urbanos tomarem conhecimento da existência do novo arraial com remanescentes da

guerra de Canudos, o que começa a atrair romarias, compostas sobretudo de estudiosos e curiosos. Isso passa a preocupar os novos conselheiristas, mas Cotenile, um assessor competente, os alivia imediatamente, com 2 razões: Os federais já haviam festejado a vitória, principalmente diante da exibição, em várias cidades, da cabeça que seria do Conselheiro; Com outro governo, a República estava à volta com outros problemas e emergências: *Canudos era página virada*.

E com a decisão muito acertada do Conselheiro de mudar de casca, trocando a barba, o camisolão de zuarte e o bordão de pastor por uma cara lisa, cabelo curto e roupa comum de sertanejo, ninguém ia notar nem acreditar que ali estivesse o “gnóstico bronco”, “um caso notável de degenerescência intelectual”, como o classificou o repórter Pimenta da Cunha, e que mesmo assim derrotara com sua gente três expedições militares bem armadas. (Veiga, 1989, 118)

O dispositivo maravilhoso com que Veiga transforma a identidade do Conselheiro tornando-o um simples sertanejo tem um efeito de reconhecimento crucial em termos do despertar de uma utopia referente à reconstrução do sertão, da região, ou mesmo do país. É um cronotopo da história nacional que aponta para a necessidade de reorganização da sociedade em termos de integração, sobretudo nesse momento tão conturbado de instalação do regime republicano.

Por outro lado, o realismo maravilhoso como parte da produção da *Casca da Serpente* possibilita mais dois investimentos de sentido, suscetíveis de revelar o drama da cena comunicacional. Nova referência dialógica à Dse indica que o *bronco* pode não ser o *louco* e sim um ser comum, capaz de derrotar exércitos. Partindo dessa premissa, Veiga aciona mais uma vez a cronotopicidade de sua diegese, mostrando que a História pode ser movida por elementos ordinários, o que materializa uma aspiração universal. A insistência nessa citação euclidiana adquire inclusive uma excelência retórica buscando estabelecer uma comunicação de choque entre produção e recepção

de imagens: o que é construído muitas vezes como anormal, é apenas um elemento integrador, comum e forte.

Um segundo investimento alude ao caráter efêmero da comunicação sensacionalista acerca dos conflitos sociais. A questão que se coloca é que o conflito só interessa ao regime político, enquanto gerador de enunciados para formação de opinião e para definir posições para os grupos políticos. Toda a operação de formação de uma opinião pública que passa de simplesmente coletiva de grupos ao nível nacional foi efetivamente demonstrada por Euclides da Cunha. A obra de Veiga, com essa utopia maravilhosa, vem agora demonstrar que a *comoção nacional* se associa com o fenômeno moderno do consumo rápido e festivo de notícias. Uma vez que o discurso sofre um esgotamento diário do sentido, uma vez que *desenlaces* (*O país inteiro ansiava pela desafrota do exército e da pátria...* Cunha, 2000, 317) vitoriosos são oferecidos aos conflitos, não existe mais interesse em se pensar nas conseqüências das ditas *guerras de minoria* que Mattelart (1994) tão bem descreve como núcleos semânticos privilegiados da comunicação moderna, o que não deixa de ser um cronotopo universal. E assim mais uma vez vamos constatando como o ciclo canadiano se alinha com a História contemporânea no revelar de seus processos comunicacionais de massa.

E, nessa linha histórica, observemos igualmente, a presença do imigrante europeu na comunidade utópica neo-canadiana. Existe aqui uma discussão sobre o que representa o regime *república*, que não possui um núcleo significativo rígido. Aliás, em Itatimundé, tudo é polemizado, evitando-se formar enunciados de opinião sistemáticos e estabelecidos prontos a condicionar uma simetria relacional linear. A República que se contesta no Brasil é um regime de oligarquias, de grupos, de vencedores e vencidos e dos heróis fabricados pela mídia; a república que se quer na Irlanda é o regime democrático que se opõe à monarquia do império inglês.

O que é que nós irlandeses temos a ver com a rainha da Inglaterra? É só a força que está impedindo a independência e

a república. Mas, não vão impedir por muito tempo, o senhor escreva. O senhor foi contra a república aqui, mas precisa saber que lá é diferente, não queremos prestar obediência a rei e rainha estrangeiros, e na minha terra não tem ninguém querendo ser rei. Então, a nossa saída é a república. A república não está dando certo na América do Norte? (Veiga, 1989, 130)

Em outro trabalho intitulado *Conselheiro e Riel, resistência sertaneja e mestiça no Novo Mundo como configurações identitárias* (cf. biblio.), fizemos inclusive as aproximações entre o líder mestiço canadense Louis Riel² e Conselheiro, que foram contemplados como dois resistentes messiânicos nos continentes americanos, um enfrentando o domínio inglês no Canadá e o outro os latifundiários dos sertões.

Finalmente, para concluir essa atividade geradora do maravilhoso de Veiga, a partir dos efeitos científicos, ideológicos e estéticos adversos, mas amplamente relacionais de Euclides, é

² A conquista do oeste canadense dá origem à narrativa da constituição da nação mestiça, liderada por Louis Riel, que vai instituir um feixe de índices de identificação da canadianidade. Desde dezembro de 1869, o líder mestiço, de canadenses franceses e ameríndios, já governava um movimento de resistência ao Governo Central do Canadá, sob o domínio britânico, na região do rio *Rivière Rouge*. O sentimento de espoliação do território e de seus bens pelo domínio canadense britânico vai se amplificando a ponto de favorecer a instalação de um estado de rebeldia reivindicatório da formação de uma nação mestiça. Nenevé (2000, 244./245) descreve a situação histórica :

In 1867, the Confederation, or Dominion of Canada, was established by the British North America Act. The centralized federation included the province of Canada (Ontario and Quebec), Nova Scotia and New Brunswick, and made an agreement for the inclusion of the remaining North America territories under British rules. The West was destined to connect with Central Canada which in 1868 bought the land that belonged to the Hudson's Bay Company. In 1869 the company transferred its territory to the Dominion without informing the people who lived in the area. The Canadian government paid no attention to the Metis : its main interest was planning the transcontinental railroad. (...)

In december 1869, the Metis leader Louis Riel, widely supported by the Red River people, led a resistance against the Canadian Government, establishing the Metis's own representative body. This government was able to force the central government to negotiate.

necessário reiterar a problematização da formação de opinião, na obra, como movimento de debates e diálogos, em que nenhum ponto de vista predomina sobre o outro. Nem os homens-palavra, os comunicadores e fotógrafos, nem mesmo o repórter Euclides, em seu livro de 1902, têm uma definição segura de quem é Conseqüente, Itatimundé e o sertanejo. Estão todos em construção, inacabados como a terra em convulsão do continente sul-americano, tal qual mostrada em *Os sertões*, e a raça brasileira. O problema é que deram certo e, como o disse Euclides no final de seu livro em relação aos sertanejos, eles foram mais lógicos do que os civilizados. Mas porque, na neo-utopia desse novo arraial, eles deram certo, tiveram que ser *demolidos à força como fora Canudos setenta anos atrás*.

E a terra, onde foi a Concorrência de Itatimundé, é agora depósito de lixo atômico administrativo por uma indústria química com sede fictícia no principado de Mônaco. (Veiga, 1989, 155)

Comunicação em *As Meninas de Belo Monte*

Júlio José Chiavenato é também um jornalista conhecido e um escritor de temas históricos da América latina. Nascido em Pitangueiras (SP), viveu sua infância em Ribeirão Preto e, a partir de 1971, começa a lançar uma série de livros que analisa as relações de dependência da América do Sul diante dos imperialismos da Inglaterra e da América do Norte. No ciclo canudiano, constitui outro representante da poética histórica quando compõe em 1993, *As meninas de Belo Monte*. Esta obra não apenas denuncia a escravização e prostituição de meninas após a guerra, mas também se alinha na fileira euclidiana pela busca de elementos específicos da identidade profunda brasileira e pela colocação em cena dos homens-palavra, os comunicadores em relações determinadas com a cronotopicidade nacional, e mesmo global.

Alencar, Santos e Soares (2001, 215) mostram como Chiavenato começa dividindo a obra em três fases similares às de *Os Sertões*:

1. A AMÉRICA, equivalente de A TERRA, revela a luta pelo surgimento da vida, e vai exprimir a idéia de gênese inacabada que deixa o continente americano *em aberto* para a problematização de todas as formas de sua invenção simbólica, para a busca de sua historicidade no campo dos discursos.

Além do primeiro índio, antes de ser América, foi espasmo e névoa(...) Macacos ensaiavam-se homens. (Chiavenato, 1993, 1)

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.

Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical.

É a mutação de apoteose. (Cunha, 2000, 57)

Efetivamente, Chiavenato segue o princípio euclidiano de querer apresentar a cena do conflito como um terreno nada firme, diante do movimento de uma história em luta em torno das idéias de integração, unidade e identidade.

2. O BELO MONTE, equivalente de O HOMEM, representa a esperança do sertanejo em re-encontrar a paz, uma casa no sertão, essa integração com a natureza, sua memória e tradição, que foram perdidas com a luta.

Eis porque estava na frágil canoa, sobre as águas que oprimem a cidade submersa. Tinha a memória dos tempos, iria ao princípio para saber quem foi. O Belo Monte guardava a sua verdadeira vida, antes de chegarem os inimigos armados de traição e força, prepotência e malícia.

Respirou fundo, refazendo o Belo Monte além do primeiro índio, antes de ser América.

(Chiavenato, 1993,2).

Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis, três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos.

Está apenas delineado. (Cunha, 2000, 72)

Existe a busca das origens no sentido de articular as experiências preliminares do continente americano e os fragmentos de memórias de situações passadas que possam possibilitar a compreensão da consciência continental, a partir da compreensão das identidades locais.

3. A LUA , equivalente de A LUTA, quando o autor revela a luta entre a lua e o sol.

Brilhava como sempre, mas não podia ser a mesma Lua que presenciou tamanha desgraça. Suas manchas respingavam maldade. Nenhuma Lua passa incólume por tanta miséria. (Chiavenato, 1993, 2)

Ê que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades. (Cunha, 2000, 515)

Estão ainda representadas a luta entre o sertanejo fraco e o governo forte e poderoso, a luta entre a seca e o desejo de se permanecer na terra árida e agreste, a luta entre a utopia sertaneja de salvação e o castigo nas caatingas, e a luta entre a História vivida e a História inventada. Esta última luta, como um campo de produção de saber, está recortado pela consciência polifônica que estabelece a poética histórica brasileira a partir do drama de Canudos. Euclides possibilitou a pesquisa de Canudos, e do sertão, com os feixes imagéticos e discursivos que os sustentam e que os introduziram na cultura nacional e na estrutura estética do país.

A narrativa de *As meninas do belo Monte* se desenvolve em dois tempos cronológicos:

No tempo do belo Monte, a Primeira Canudos (1897), consumida pelo fogo. A estória é seguida pelo ponto-de-vista da menina Josefa, sobrevivente da catástrofe. Ela é resgatada por um repórter, passa por um depósito de prisioneiras, é vendida a uma prostituta, revendida a um ex-coronel impotente junto com Maria José e, por fim, retorna a Canudos

com um novo profeta, o menino Dosíteo, um setemesinho³ que traz à narrativa um dispositivo fantástico⁴.

No tempo do personagem que vive a Segunda Canudos (1988), sepultada pela água: um homem sem nome e sem história, que passa sua vida numa canoa sobre a cidade santa submersa, parece ser a reencarnação de Josefa. No presente deste personagem, há um encontro entre ele e um frade perseguido pelos senhores da terra, por ser a favor da Reforma Agrária, o que significa um cronotopo contemporâneo fundamental do ciclo canudiano.

Esta narração ambígua é caracterizada por uma aparente continuação entre essas duas histórias, mesmo sendo narradas em tempos diversos. Chiavenato aponta ao leitor que Josefa e o Sem Nome, apesar de raças diferentes (um negro e outro branco) vivem num mesmo cenário, crêem no Bom Jesus e são prisioneiros da vontade de Deus. (Alencar, Santos, Soares, 2001, 216)

Em nossas discussões, as autoras acima citadas sempre analisaram a figura do jornalista, nas obras sobre Canudos, a qual dá corpo ao homem-palavra, responsável pela consciência relacional diante dos fenômenos extratextuais e assim pela formação da poética histórica. Embora não haja apenas um jornalista na narrativa de Chiavenato, a atenção fixa-se mais num carioca d'*A Gazeta* qualificado como um republicano.

Detinha-se apenas para recolher objetos, antegozando o sucesso quando os exibisse numa sociedade civilizada. Tirou o relógio do bolso, coçou a cabeça e sentou-se.

Sobre uma tábua começou a rascunhar a reportagem do dia: Os generais Artur Oscar e Carlos Eugênio foram agora, com seus respectivos estados-maiores, percorrer(...). Não é muito agradável o passeio, porque o cheiro de jagunço queimado é bastante nauseabundo.

³ É a lenda sertaneja de que nasce um menino de sete em sete anos com a aparência de monstro, mas que faz milagres.

⁴ Já mostramos na nota 10 as diferenças estruturais entre o fantástico e o maravilhoso.

Não era um homem mau. Apenas um republicano como milhares, ofuscado pelas luzes do positivismo, alheio ao sertão. Não denegriria o exército, denunciando o estupro como prêmio da vitória. Lastimava, mas não causaria escândalo informando que os generais fechavam os olhos à caça de crianças para satisfazer a lubricidade da tropa. Afinal, acreditava, os soldados também são mestiços, de raça inferior como os sertanejos vencidos, é difícil controlar os baixos instintos.(...) Quantas matamos? Talvez mil, alguns dizem três mil crianças mortas pelo nosso exército. O que é isso na história de um povo? (Chiavenato, 1993, 89/90)

Chiavenato percebe a importância de mostrar a produção de uma escrita que reflete determinados princípios ligados à perpetuação do poder. Evidentemente, o homem que escreve, que produz a narrativa de guerra, está ligado às condições de produção do republicanismo positivista imbuído de uma certa ideologia de civilização e progresso.

Nesse sentido, reaparece aqui uma outra faceta do *metadiscurso* do *reconhecimento* capaz de fazer o protagonista, produtor de discurso, refletir sobre sua própria atividade, sobre o risco de sua comunicação, que é uma propriedade da primeira fundação. Mas é o estabelecimento do porta-voz desse republicanismo, como ideologia dominante; é o canal de repetição da palavra oficial articulada para não problematizar a realidade. O jornalista não se angustia em encobrir os crimes do exército, naturalmente justificados pelo argumento racial; ele não se preocupa em questionar a contradição fundamental que emerge nos fatos que relata, segundo a qual a construção institucional do novo regime político, organizado pelas *luzes racionais do positivismo*, está baseada em instintos animais dos degenerados etnicamente. Este homem-palavra é exatamente aquele que produz os enunciados de opinião destinados a manter a memória do poder dirigindo uma história a serviço da dominação desses grupos dispersos que promovem as guerras das minorias.

De todas as maneiras, Chiavenato traça o perfil desse comunicador, formador de opinião, que visa a atingir um tipo de heroísmo ditatorial, que Euclides já havia diferenciado em relação à Moreira César. Este se impõe, sem genialidade, a multidões tacanhas, pelo talento de reprimir à força as manifestações de protesto; o outro se impõe, também sem genialidade, reproduzindo as idéias fixas e os estereótipos sobre a história do poder, construindo uma visibilidade e uma dizibilidade em perfeita aderência com as práticas criminosas, que impedem qualquer dissonância no movimento relacional do reconhecimento das mensagens.

Para esse jornalista denegrir a imagem do exército era perder sua única esperança de fama e celebridade. Covarde, decide se acomodar à reprodução de todas as idéias feitas e, assim, Chiavenato continua discutindo o papel da comunicação em época de guerra, tecendo sérias críticas à intervenção da imprensa nos festejos da vitória do exército, tal qual fizera Euclides

Não fui covarde, nem indiferente. Obedeci à lei de guerra.
(Chiavenato, 1993,94)

Se Veiga tem no trabalho com o maravilhoso uma matéria fundamental para ativar a consciência polifônica desse movimento gerador do ciclo canadiano, o jornalista Chiavenato lida com o fantástico para garantir a poética histórica. Canudos é um espaço regional, feito para permanecer no tempo, mas ganhando assim a dimensão de espaço continental e universal: é um fragmento da América como territorialidade do Novo Mundo.

Essa visibilidade memorial da região se expressa pela superposição das duas temporalidades que conectam duas consciências de dois protagonistas, ligados pela idéia da reencarnação. Ora, uma menina Josefa e um negro Sem Nome, ambos despossuídos, desenraizados, mas reincorporados implica em relações pragmáticas com a realidade baseadas na inquietação física. É uma explicação sobrenatural, desafiando a causalidade natural,

mas que possui a força de repor, para a gramática de reconhecimento dos leitores, uma imanência histórica coerente.

A primeira Canudos, ícone e símbolo de resistência, nesse ciclo histórico, não desaparece, abriga seus fantasmas, que alimentam literalmente tantos discursos, anteriores e posteriores, e isso não deixa de causar calafrios: o sobrenatural está na realidade pronto a desconcertar as verdades estabelecidas dos formadores de opinião.

A consciência polifônica de Euclides permite que, em um século pós-positivista, os discursos sobre Canudos, sujeitos ao princípio da não-contradição, faça com que o jornalista Chiavenato possa questionar, com mais agudeza, os princípios conciliatórios entre natureza e sobrenatureza. *Sem Nome* é Josefa e Frei Paolo pode ser o Conselheiro. Este, no tempo de Josefa, é mostrado como líder solidário, o Bom Jesus, que dirige uma comunidade florescente em que todos vivem em paz. Cem anos depois, será que o Bom Jesus se envolve com a Comissão Pastoral da Terra? Seria esse o destino da reencarnação de um Conselheiro mais moderno na figura do Frei Paolo? Sabemos que cem anos não foram suficientes para resolver a questão da terra, e das injustiças sociais, tanto no campo como nas cidades, e que nossa República se evidenciou ineficaz e cruel para com a população brasileira. Os movimentos revolucionários pela justiça social para os sem-terra, embora tenham sido organizados em acampamento e comissões, não deixam de constituir, de todas as formas, uma guerra de minoria, nômade e dispersa, dotada da capacidade de incomodar politicamente os eixos centrais dos poderes republicanos.

Em outro trabalho, *Canudos e o Rei do Gado: ecos de intertextualidade* (cf. biblio.), já elaboramos os elos relacionais entre o movimento conselheirista e o MST, tal qual aparece na telenovela global. Mas, para continuar perseguindo esse engajamento de relação entre a discursividade campesina e o intertexto canudiano, é preciso assinalar a importância dessa memória comunicacional que nos mostra como Canudos entrou em choque com a colonização

globalista da vida nacional, da mesma forma como o faz o MST na atualidade, de tal forma que a saga de Conselheiro é reproduzida nos acampamentos como um dos maiores exemplos de uma luta de uma população oprimida pela conquista de um território e de um estilo de vida que lhe fornecesse uma autonomia de vida.

Maltratada pela história oficial, Canudos e a figura controvertida de Antonio Conselheiro sobrevivem no imaginário de grande parte dos camponeses brasileiros como um dos símbolos da luta pela reforma agrária. Na leitura que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) faz da epopéia de Canudos, Antonio Conselheiro é o líder sertanejo que desafiou a Monarquia, a República e a elite rural dominante. (A Tarde, 11-1-97)

Se a nossa memória parece se constituir das lutas populares pela posse da terra, o que faz emergir uma identidade política popular, apta a pôr em cheque todos nossos sistemas políticos e a nossa indústria cultural que os legitima, a escritura fantástica de Chiavenato engaja-se naturalmente numa atitude narracional de pleno domínio de uma gramática de reconhecimento histórica. Nesse sentido, a capacidade desse realismo fantástico de dizer que a nossa atualidade pode ser medida por esse movimento de produção/reconhecimento baseado numa comunhão cultural, em que o racional e o irracional se cooperam, mostra efetivamente uma necessidade de problematização histórica. Leiamos ainda esses trechos:

Os tiros entraram pela janela, amortecendo no reboco da sala. A porta balançou-se com novas descargas. Pulou da poltrona pressentindo a morte, um corpo caiu sobre ele. A mão de Frei Paolo apertou sua cabeça contra o assoalho.

Em instantes, o silêncio dominou a madrugada. A enganosa paz voltou a prevalecer. O padre arrastou-se até a janela e examinou a rua.

- Já foram.
- O que está acontecendo?
- Assustam-me. Só isso.

-Porra!, assustam de verdade. Quem são?

-O Latifúndio. Todos sabem, ninguém prova. Se pudesse provar, matavam.

Frei Paolo falou-lhe dos sem-terra, posseiros expulsos das lavouras, famílias dizimadas. Enquanto fazia café, explicou o trabalho da Comissão Pastoral da Terra. De repente, riu.

-Por que rimos da desgraça? Não quis acordá-lo quando cheguei e fui para a rede. A poltrona em que você dormia é onde leio à noite. Sabiam. Por isso os tiros passaram raspando-lhe a cabeça. Imagine se fosse pra valer? O defunto seria você... Não sei qual o mais complicado: morrer ou explicar um morto na minha casa. Um morto sem nome, sem história.

- Padre, já tentaram me matar antes.

- Mesmo? Quando foi isso?

- Em 1897.

- *Frei Paolo sorriu. Tinha um louco em casa.* - (Chiavenato, 1993, 143).

É certo que nossa poética histórica esbarra imediatamente com uma memória narracional a caráter fantástico. Uma grande parte da estética modernista, mesmo não estando na temática canadiana, dela se inspira e põe em cena essas remissões sobrenaturais, como princípios organizadores de um sistema simbólico para a estética nacional.

Frei Paolo refere-se às lutas atuais da Comissão Pastoral da Terra pela causa dos sem-terra e daqueles que qualifica de *sem nome* e *sem história*. Mas é o dito *louco* que tem plena consciência, para a diegese e para o reconhecimento dos leitores, de que a reencarnação é continuidade histórica; de que o Bom Jesus revive na CPT e de que essa guerra é um prolongamento daquela de que participou em 1897, ao lado dos milhares de mortos que estão debaixo das águas.

Força é de constatar que o fantástico traz um efeito ideológico na construção da poética histórica nacional, à medida que a notação sobrenatural pode transformar a História num referencial possí-

vel, que possa congrega o racional e o irracional das tradições populares que marcam os movimentos revolucionários brasileiros. Euclides da Cunha já tinha registrado esse fenômeno mostrando inclusive a *nervosidade e a indisciplina* latinas, influenciadas por um misticismo mestiço. A cultura brasileira do século XX provou que nenhum sistema de idéias puramente racional vingaria no país, e mesmo o apelo messiânico do marxismo sofreria injunções da sobrenatureza⁵.

Se Veiga usou o maravilhoso como diálogo com a primeira fundação provocando um encantamento histórico utópico, Chiavenato produz o efeito ideológico de arrebatamento para tentar resolver o dilema da nomeação de uma série de fenômenos extratextuais que espelham uma história marcada por muita injustiça social, travada pela tão problemática história das indústrias culturais, tentando ativar a comoção nacional e omitir os crimes intituicionais. Se Veiga derruba Itatimundé, pra sugerir novas construções, Chiavenato mostra que o *destino é Dositeo*, o pequeno monstro encantado que possibilita novos sonhos e ilusões.

Conclusões

Um estudo que pretende homenagear os cem anos de permanência da obra de Euclides da Cunha, começa afirmando que ela é fundamental para o conhecimento de nosso país. Muitos disseram isso e, em 2001, Josaphat Marinho e Celso Furtado reafirmaram esse postulado no *Jornal A Tarde*. Duas dicotomias sempre foram debatidas a partir do livro, a do sertanejo e a do paulista, que não retomamos por já ter sido bastante trabalhada, e aquela relativa aos referentes espaciais, a do litoral vs sertão. O sertão, como espaço não-dimensional, é percebido como um recorte territorial, pron-

⁵ Poderemos rever a obra de Jorge Amado, e mesmo Graciliano Ramos em *São Bernardo* discute sobre isso.

Vide Lícia de Souza, *Utopies américaines au Québec et au Brésil :essais de littérature comparée*. (2002).

to a conjugar elementos culturais e naturais, com modos de vida e os fatos históricos de interiorização, como a mineração e as bandeiras, a garimpagem, o cangaço e o messianismo, os êxodos e secas. Mas é bastante importante assinalar que este sertão, como cenário de um movimento genético de uma nação, não se limita a ser apenas um espaço regional. Ele permite que essas imagens-força de uma gênese regional sejam agenciadas em termos também de raiz continental, podendo simbolizar o espaço americano, como território de recomeço, de origem de um Novo Mundo.

A americanidade do sertão é inclusive bastante articulada em Vargas Llosa, e Veiga e Chiavenatto projetam essa idéia de território-gênese onde brotam novas utopias de justiça social. Com efeito, os sertões têm acolhido uma rede cronotópica de preocupações universais.

Os cem anos do livro *Os Sertões* são os grandes responsáveis por essa descoberta científico, ideológica e estética da região. Adelino Brandão (2002), com muita propriedade, revela que Euclides da Cunha foi um grande simpatizante e defensor do socialismo. Os erros de se contaminar pelas idéias da falsa ciência social de seu tempo, e de não reagir contra Augusto Comte e Herbert Spencer que vários criticaram, inclusive Ariano Suassuna, compõe um argumento absurdo pois, como o já enfatizamos, ao longo desse trabalho, tais paradigmas não fecharam a consciência polifônica de Euclides. Brandão, comentando o fato de Suassuna ter sido o grande vencedor do Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte 2002, promovido pela Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, por ser junto com o escritor baiano, um dos grandes euclidianos do país, na revelação das culturas populares, declara:

Imagino alguém, daqui a 100 anos, apreciando a obra de Ariano Suassuna, e se utilizando das mesmas premissas, a sair-se com esta: "O grande erro literário-filosófico de Ariano Suassuna foi ter se deixado contaminar pelas idéias da falsa estética e da falsa religião de seu tempo. Simpatizava com o

catolicismo, e com a monarquia, mas, ao mesmo tempo, sempre se mostrou incapaz de reagir contra as deformações do fanatismo religioso de Antonio Conselheiro, do absolutismo das tradições político-monárquico-medieval luso-brasileiro, do moralismo conservador, popular, de Ghandi, infenso à civilização urbana, industrial, ocidental, modernas.” (Brandão, 2002, 3)

Temos assim que concordar que o centenário dessa primeira fundação é fundamental para mostrar a própria reordenação das espacialidades do país, para por em contacto áreas, populações e registros simbólicos que existiam estanques. As visões separadas alteraram-se profundamente com a emergência do livro de Euclides, e com o novo olhar que ele traz sobre a existência de diferenças no país e vão se esboçando os elementos a partir dos quais vai ser pensada a problemática de nossa identidade nacional.

Se insistimos em caracterizar a obra centenária como *Fundação* foi no sentido de mostrar a inscrição de uma determinada obra na História e de caracterizar, em particular, o processo que indica o engajamento relacional da escritura euclidiana com o fato extratextual da guerra de Canudos. Antonio Conselheiro, os conselheiristas, jagunços e sertanejos, assim como os militares que projetaram planos de via férrea e de telecomunicações formam uma rede de protagonistas que passou a povoar o imaginário nacional, seja como figuras de resistência ao poder articulado e de *guerra de minoria*, seja como figuras modelares da engenharia moderna institucionalmente legitimada.

Esse combate de figuras narrativas, extraídas de um fenômeno extratextual, mas que passou a ter função simbólica, demonstra a dinâmica da fundação. Ela não possui unidades fixas, de acontecimento, de ato ou de lugar, representando, acima de tudo, um processo textual acionado por determinadas condições de produção que vão se ajustar, em níveis diferenciados, a suas condições de reconhecimento ou de recepção.

Uma poética histórica, no ciclo canudiano, permite a geração de textos meio fictícios, meio reais, o que significa exatamente a construção de mundos possíveis, a partir do fenômeno extratextual. A

poética histórica autoriza esse ser textual híbrido, uma herança euclidiana, sem sombra de dúvida. Não existe mais nenhuma dúvida que a primeira fundação é marcada por uma cronotopicidade universal, pois já foi traduzida em muitos países, tendo inspirado interesse em vários pesquisadores de inúmeras universidades estrangeiras. Berthold Zilly (1996) inclusive afirmou que Canudos é um fato de interesse da humanidade, que se repete no Chiapas, Tchecônia, Iugoslávia, etc.

E exatamente o que não deixamos de perceber é que ao cronotopo propriamente histórico – o conflito – se associam cronotopos estéticos. Um deles, que podemos qualificar como o cronotopo do risco, está presente nas três obras de Llosa, Veiga e Chiavenato. É a problematização da atividade do homem-palavra, o jornalista, o comunicador, que constrói imagens e enunciados, aptos a desencadear processos distintos de simetria e assimetria relacionais.

Um segundo poderia ser o cronotopo genérico, que identificamos em Veiga como maravilhoso e em Chiavenato como fantástico. A problematização do real assume evidentemente uma luta primordial entre forças antagônicas, a ordem lógica, positivista e racional, e a ordem ilógica e do sem-razão. De forma curiosa, mas que vem corroborar nossa tese de que a consciência polifônica de Euclides não determinou a prioridade de nenhum sistema ideológico, é a primeira fundação que põe a luz a efervescência cultural popular e a rede de saberes míticos que povoam o Brasil profundo. Tais saberes explodem como parâmetros das classes populares e regionalizadas.

O terceiro cronotopo é relacionado ao *metadiscurso do reconhecimento* que tem a função precisa de deslindar as complexidades da primeira fundação. Nesse âmbito, os três romances da contemporaneidade dialogam com a voz euclidiana, seja materializando a presença do jornalista Pimenta da Cunha, no meio do conflito narrado, seja indagando explicitamente citações de *Os Sertões* e colocando-as em outro contexto, atualizando-as.

Toda essa cronotopicidade estética testemunha o vigor da obra de Euclides, nesses cem anos. Ela mostra como se pode construir

uma teoria da comunicação, com bases nacionais, ancorada no percurso histórico. No relacionamento, por exemplo, de Canudos com a Comissão Pastoral da Terra, se estabelece uma atualização de um dos dramas da injustiça social, o problema dos sem-terra, que alimenta uma nova *guerra da minoria* em relação ao poder central. Vejamos o que José Silveira diz a respeito do MST:

Com o MST, a política brasileira deixou de ser recentemente uma via de mão-única: a do bloco político no poder. O MST constitui-se numa prática que produz um efeito real na conjuntura.(...) (Silveira, 1998,7)

O MST é um fenômeno político em choque com a colonização globalista da vida nacional. (ibid., 11).

O MST busca, na luta e na ação de massa, fundar a crítica do regime político do globalismo. Ele vive de ações épicas e trágicas. Ele atualiza a memória radical-popular das lutas do povo no regime republicano e as lutas memoráveis da população brasileira no século imperial. (ibid., 41)

As relações substanciais dos governos republicanos com os movimentos populares sempre foram conflituosas, de tal forma que a obra centenária de Euclides da Cunha nasceu para expressar um grande conflito que ganhou perspectiva mundial. E justamente essas aproximações com os movimentos dos sem-terra, já no século XXI, vêm mostrar quais os tipos de lutas memoráveis da população brasileira e, de todas as evidências, qual o tipo de estética que capta as ações épicas e trágicas dessa nação polifônica.

Para finalizar, devemos dizer, mais uma vez, que a obra vingadora de Euclides passou a representar, nesses cem anos de existência conosco, a maior expressão de uma bandeira cultural para o país.

RÉSUMÉ: *Cet essai vise à identifier des éléments fondamentaux d'une poétique historique au Brésil. Le corpus d'étude est celui du cycle canudiano, à partir des années 80. En utilisant les notions de Fondation (Veron) et de chronotope*

(Bakhtine), l' étude montre comment *Os Sertões* occasionne un cycle de roman qui accompagne l'histoire contemporaine, pendant les cent ans où l'œuvre s'est montrée comme un pilier de la culture brésilienne.

MOTS-CLÉ: *poétique historique; Canudos; Os Sertões; Fondation; Chronotope.*

BIBLIOGRAFIA

I. Textos Gerais

- AVIGHI, Carlos M., *O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha*. In: *Revista brasileira de comunicação*, vol. XVI, n. 2, jul/dez, 1993, p. 144-145.
- BASTOS, José Augusto C.B., *Incompreensível e bárbaro inimigo. A guerra simbólica contra Canudos*. Salvador. EDUFBA, 1995.
- ALENCAR, I., SANTOS, L., SOARES, H., *Teorias da Comunicação e de uma opinião pública nacional nas obras literárias do ciclo canudiano*. *Revista Canudos*. v. 5, n.1/1, junho de 2001, p.207-220.
- BAKHTINE, Mikhaïl, *Esthétique de la création verbale*, Paris, Gallimard, 1979, 1984 para a tradução francesa.
- BAKHTINE, Mikhaïl, *Problèmes de la poétique de Dostoievski*, Lausanne, Éditions l'Age d'Homme, 1929, 1970 (tradução francesa). (Há uma tradução brasileira :*Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.)
- CARELLI, M., GALVÃO, W.N., *Le roman brésilien : Une littérature anthropophagique au Xxème siècle*. Paris, PUF, 1995.
- CORRÊA, Tupã Gomes, *Contactos imediato com Opinião Pública. Os bastidores da ação política*. São Paulo. Global. 1988.
- CUCCIOLETA, D., CÔTÉ, J-F, LESEMANN, F. (dir), *Le grand récit des Amériques. Polyphonie des identités culturelles dans le contexte de la continentalisation*. Les Éditions de l'IQRC, Les Presses de l'Université Laval, 2001.
- GUTIERREZ, Angela Ma. R.M., *Notícia sobre cem anos de ficção canudiana*, *Revista Canudos*, v.1, n.1, 1996, p.9-23.

- LIMA, Lidiane, *Rua do Ouvidor vs Caatingas. Teoria da Comunicação em Os Sertões e A Guerra do Fim do Mundo*. Monografia de final de curso em Comunicação Social, Salvador, UNEB, 2002.
- MATTELART, Armand, *Comunicação-Mundo. História das idéias e das estratégias*. Petrópolis. Vozes, 1994.
- MELO, J. M., *Teoria da Comunicação: Paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- NENEVÉ, Michel., *The west as a protest: themetis resistance and the social movements in the west*. ANAIS do V Congresso ABECAN, Feira de Santana, agosto 2000 , p. 243-250.
- RICOEUR, Paul, *Temps et Récit*. Tome II. Paris, Éditions du Seuil, 1984.
- ROELOFSE-CAPBELL, Zélia, *Antonio Conselheiro reabilitado através da imaginação*. *Revista Canudos*, v. 4, n. ½, dezembro de 2000, Salvador, UNEB, p.30-46.
- SANTANA, J.C. Barreto de, *Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: Hucitec, Feira de Santana: UEFS, 2001.
- SANTOS, Aline, J., *Turismo Cultural em Canudos: uma forma de desenvolvimento sustentável*. *Revista Canudos*., Editora da UNEB, 2000, p. 149-164.
- SILVEIRA, J.P.B., *Republicanism cum globalismo: formas da contemporaneidade*. In : *Comunicação e Política*, vol. 5, n.2, maio-agosto 1998.
- SOUZA, Licia S., *Utopies américaines au Québec et au Brésil :essais de littérature comparée, Interfaces*. *Revista da ABECAN*, Porto Alegre, UFRGS, v. 1, n. 2, 2002, p. 55-84.
- SOUZA, Licia S., *Memória e identidade na formação de uma opinião pública nacional em Os Sertões*. In: SOUZA, L.S., OLIVIERI-GODET, R. (orgs.) *Identities e representações na cultura brasileira*. João Pessoa. Idéia. 2001, p. 35-60.
- SOUZA, Licia S., *Conselheiro e Riel, resistência sertaneja e mestiça no Novo Mundo como configurações identitárias*. *Canadart IX*, Salvador-UNEB, jan/dez 2001^a, p. 75/84.
- SOUZA, L.S., *Des récits régionalistes à la télévision : la voix de la terre au Québec et au Brésil*, *Canadart*, vol VII, 1999, p. 113—153.
- SOUZA, L.S., *Canudos e O rei do gado : ecos de intertextualidade*. *Revista Canudos*, v.2, n.2, 1997, p. 14-33.
- SOUZA, L.S., *Bakhtine : o engajamento no diálogo das linguagens*, *LOCUS*, n. 2, 1995.

- SOUZA, L.S., *Représentation et idéologie : les téléromans au service de la publicité*. Montréal, Ed. Balzac, 1994.
- TODOROV, Tzvetan, *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique*, Paris, Éditions du Seuil, 1981.
- VERÓN, Eliseo, *A produção do sentido*, São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- ZILLY, Berthold, *A reinvenção do Brasil a partir dos Sertões*. *Revista Canudos/UNEB, CEEC*, v. 4, n.1/2, 2000, p. 107-121.
- ZILLY, Berthold, *Um depoimento brasileiro para a História universal. Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. Humboldt.*, ano 38, n. 72, 1996, p. 8-16

II. Romances e narrativas

- CHIAVENATO, José Júlio, *As meninas de Belo Monte*, São Paulo, Editora Página Aberta, 1993.
- CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*, 21^a. ed., Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- VARGAS Llosa, *La Guerra del fin del mundo*, Barcelona, Editora Seix Barral, 1981.
- VEIGA, José J., *A Casca da serpente*, 2^a. ed., Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989.

III. Artigos em Jornal

- BRANDÃO, Adelino, *Suassuna e Euclides*, *A Tarde Cultural*, Salvador, 20-7-2002.
- CONY, Carlos H., *Celso Furtado revisita Euclides da Cunha*. *A Tarde*, Salvador, 27/07/2001, cad. 1.
- MARINHO, Josaphat, *O perene e o efêmero*. *A Tarde*, Salvador, 9/1/2001, cad. 1, p. 8.
- NOVAES, Cláudio, *A epopéia dos molambos*, *A Tarde Cultural*, 24-5-1997.
- O exemplo de Antonio Conselheiro*, *A Tarde*, 11-1-97.